



A morte do sonho

Não sei quanto aos meus colegas, finalistas da primeira oitava classe do Liceu Sagrada Esperança, aos catorze anos de idade quando deixávamos Malanje, sem pagamento de propina, por conta do Ministério da Educação, pela primeira vez num avião que baloiçava, a rasgar o céu

Carmo Neto

Tinha o coração aos pulos. Amparávamos o passado a contar anedotas. Líamos do *Jornal de Angola* na época a vida de uma rainha europeia. A nossa imprensa nunca produziu imagens sobre os túmulos da Rainha Ginga e Ngola Kiluanje.

Falávamos do professor de matemática de passo lento, fala mansa, do alto do púlpito arrastava os pés. Por cada prova numa turma apenas dois a cinco estudantes preenchiam notas positivas. Não o alcunhamos, uma exceção, porque seu nome já era cómico. Nunca descobrimos a razão de os serviços notariais se terem distraído tanto e deixaram acontecer!

Enquanto o avião baloiçava, enchíamos o espaço com sonoras gargalhadas até que o David com a costa da mão a reduzir a sonoridade do riso alertou-nos que iríamos aterrar. E aconteceu. Mais surpresos ficamos a caminho do local

que nos alojaria. A cidade de Benguela surpreendia-nos. Parecia não ter sido visitada pela guerra, naquele ano de mil novecentos e setenta e oito.



“Decidimos viajar para Luanda como estudantes internos do São José de Cluny com o guarda chuva do Ministério da Educação. Nada era subtraído dos bolsos dos nossos tutores”

O céu azul de Benguela recordava-nos os dias de paraíso na Lagoa Bar, em Malanje, ou sentados, na escola preparatória Marquês de Pombal. Pelas ruas da ci-

dade sentíamos o acolhimento como em casa da tia Carolina, lá do bairro Ritondo, mãe de muitos filhos, gerados pelo seu ventre e dos outros que viviam debaixo das nuvens sem tecto. Tinha um coração do tamanho do mundo. Naquele tempo as mães eram tutoras de muitos filhos, dos seus e dos outros. Os bandos de pássaros aguçavam nossa imaginação com a fisga nas mãos. No interior do mini autocarro com a noite a crescer parecíamos engaiolados, característica do tempo das madrugadas cheias de sons proibidos, por causa do recolher obrigatório.

Lençóis da cor do algodão, quartos de banho perfumados, cozinha com ementa. Fomos assim recebidos. Nosso colega João, de mínimas falas, tecia elogiosos comentários sobre o Instituto Normal de Educação do Lobito. De repente aquilo já não era um só a falar. Todos queriam opinar. Gerava-se um clima de alegria. Os colegas de Malanje apresentavam-se aos outros do Huambo, de Ben-

guela, do Moxico e outras províncias. Um surto de risos ouvia-se espontaneamente no local. O director do instituto cedo percebeu que os colegas já faziam saltar os olhos sobre as meninas, quando encaminhou-nos para os quartos.

Dos diferentes espaços da cidade do Lobito, a pastelaria Áurea era o nosso local de frequência, durante os primeiros meses, sentados logo à entrada. No início não falávamos pra ninguém. Depois que o Lau travou conhecimento com os clientes habituais da Pastelaria Áurea conheceu a Lola Kaloputu. Ai aquela gaja (já, meu Deus!... Lobitanga da Kaponte, nunca mais saiu de lá. E eu jamais esqueci Benguela, João do Moxico também até um dia nos terem anunciado a morte do Briffel.

Excepcional estudante, foi embora pra outro mundo. Decidimos viajar pra Luanda como estudantes internos do São José de Cluny com o guarda chuva do Ministério da Educação. Nada era

subtraído dos bolsos dos nossos tutores.

Lá conhecemos, algum tempo depois, um garboso comissário político em Luanda. Desenhava-nos no seu discurso a glória de sermos pilotos pra blindar a liberdade do ensino gratuito. Suas palavras desbravavam a vida como um lençol branco estendido sobre a cam. E a Eva não resistiu, mesmo com carnes quase a rasgarem suas roupas, de tão gorda que era, queria ingresso, pra aviação militar.

Anos passados numa manhã de sábado eu e o Timoteo cruzamos o mesmo caminho diante do São José de Cluny. Falamos malta toda. O sobrinho que lhe acompanhava admirado questionou:

- Afinal aquele governador também esteve aqui no vosso tempo de estudante?

Confirmamos a dúvida. Quis eu também saber do paradeiro da Xica, antiga namorada do Xavier?

- Desde que o chefe roubou-lhe a namorada anda às apalpadelas pelas ruas

da cidade. Ela está gorda. Corre às vezes na marginal, respondeu.

- E o Sousa?

- Depois de concluir o curso de medicina na Europa esteve cá. Foi embora. É director de uma clínica lá.

Quando o tio falava, o sobrinho espiava o rosto, a tentar descobrir algum facto e perguntou se havia cumprido serviço militar obrigatório. Disse-lhe que sim. Insistente quis saber se viajavamos fora do país. Eu e o Timoteo respondemos ao mesmo tempo:

- Sim. Com seiscentos dólares!...

O rapaz explodiu com gargalhadas.

- Também sonhávamos, acrescentei - Um colega nosso quis ser astronauta. Falou durante o treino de voo num Mig.

O sonho também morre

O homem se fisgou com Mig mãe também se evaporou perdida na rosa-dos-ventos

MAHEZU, ngana!

CAUSAS DO AUTO-SILENCIAMENTO**O medo nas sociedades contemporâneas**

Abordar as sociedades contemporâneas e a covardia do medo é como depararmo-nos com um território vasto, cujas esferas abrangem o mundo e sua amplitude existencial, lugar em que os conflitos provocados pelas mudanças sociais, políticas, culturais e ideológicas imperam. Tais mudanças, que afectam as estruturas sociais acabam por atingir o homem, a sua forma de ser, estar e fazer



Ezequiel Bernardo /*

As tensões sociais influenciam o Estado a reagir, criando, desse modo, muitas vezes, a cultura do medo nas pessoas e provocando mudanças drásticas no comportamento. Porém, muitas vezes, na tentativa de proteger-se de determinadas situações, os indivíduos adoptam uma postura defensiva, em reacção ao que a sociedade impõe. Cenários desse tipo instalam instabilidade no indivíduo, acabando por afectar o seu comportamento emocional, influenciando-o a um desequilíbrio no seu estado de espírito.

Brito e Rarp (2008) abrem o resumo do seu artigo “Ambivalência e medo: faces dos riscos na modernidade” afirmando que uma das marcas do período moderno chega a ser a incerteza e a insegurança, lugares em que o medo se agrega. É notório que a sensação de medo nas sociedades é motivada pelo percurso histórico dos países, o que in-

fluencia no surgimento de um medo moderno que vem destruir o exercício da razão pelo homem. Essas características impostas pelas sociedades contemporâneas motivam o surgimento de uma nova cultura.

O medo é um sentimento generalizado a todo homem, não há quem diga não ter enfrentado o medo em toda a sua vida, pois este é resultado de influências, quer de factores sociais, culturais e de idade, quer de factores individuais que podem ser encaminhados para questões patológicas. Por outra, os medos podem ser resultado de acções que o indivíduo sofre devido a imposição de determinados modelos sociais, nos quais não se reveja. A construção de uma sociedade é orientada através de um modelo que o Estado define e é este que os indivíduos são “obrigados” a seguir. O não cumprimento implica sanções. Essa posição do Estado pode ser vista como “uma relação de dominação do homem sobre o homem,

apoiada na coação legítima, a qual só subsiste quando as pessoas dominadas têm que se submeter à autoridade invocada pelas que dominam, ou seja, o Estado é uma associação que pretende o monopólio do uso legítimo da violência, e não pode ser definido de outra forma” (Weber, 1999 apud Brandão, s/a, p.8).

Influência do Estado

Quero com isso dizer que o Estado exerce um papel de destaque na educação do indivíduo e pode ter influência directa sobre alguns medos que as sociedades contemporâneas vivem, porque ele joga um papel preponderante na construção da personalidade do homem. Em conformidade com Schoen e Vitale (2012, p. 73) “o medo é uma reacção adaptativa, servindo a um propósito legítimo e útil: proteger os indivíduos de situações potencialmente perigosas, liberando um fluxo de energia que pode ser empregado em qualquer acção que se faça necessária, buscando estratégias

para enfrentar o perigo.” Corroborando com Schoen e Vitale (2012), muitas vezes as acções desenvolvidas, quer pelo Estado quer pela família, obstruem a capacidade do indivíduo e reprimem o seu desenvolvimento psicológico. Porém, os medos nas sociedades contemporâneas são costumeiros, colocam em questão o quotidiano que as circunda, motivando instabilidade nas relações sociais. Assim sendo, “o medo, quando exagerado ou no momento errado, é ruim e paralisante, nos torna apavorados e covardes” (BOOG, s/a, p. 1). O autor reforça ainda que “o medo não deve ser derrotado, mas sim equilibrado com a coragem, para tirar sempre o melhor de cada situação.”

Sobre o mesmo assunto, determinados teóricos são apologetas de que não se pode ter medo dos medos sociais, isto é, o indivíduo precisa (des)personalizar o medo de modo a tornar-se herói pelos seus feitos. Só para ilustrar, um dos medos

sociais que considero crónico é a impossibilidade que as escolas têm de permitir uma construção reflexiva e discursiva crítica do conhecimento, isto é, as provas das escolas de vários níveis académicos trazem sempre questões objectivas. Outro medo que podemos destacar tem a ver com a impossibilidade do aluno construir uma dissertação aceitável, pois a forma como as provas são elaboradas nas diversas escolas dos diferentes níveis faz com que o indivíduo esteja muito limitado, como se estivesse dentro de uma caixa. Estando fora dela, ele não resiste. A nosso ver, esse tipo de modelo escolar influencia no silenciamento das capacidades cognitivas e reflexivas.

Medos no seio familiar

Uma outra ilustração do quanto as definições de política de um Estado podem ser vistas como promotora dos medos é a questão do assimilacionismo, que visou estratificar classes e segregar outras. Já os medos no seio fa-

miliar são motivados pela falta de diálogo e de convívios mais abertos que capacitem o indivíduo a interagir com outrem. Por exemplo, nos inúmeros casos de violações sexuais, muitas vezes, as vítimas, geralmente menores, mantêm-se caladas devido a falta de uma abertura comunicativa entre pais e filhos. Esse bloqueio instaura a cultura do medo e, conseqüentemente, dá asas a um silenciamento crónico e mortífero do indivíduo.

Nessa perspectiva, Tavares e Barbosa (2014) reafirmam que é a partir da altura em que se percebe que o medo não se restringe aos fenómenos da natureza, que se compreende haver um problema de cultura do medo, que atravessa as questões políticas e sociais.

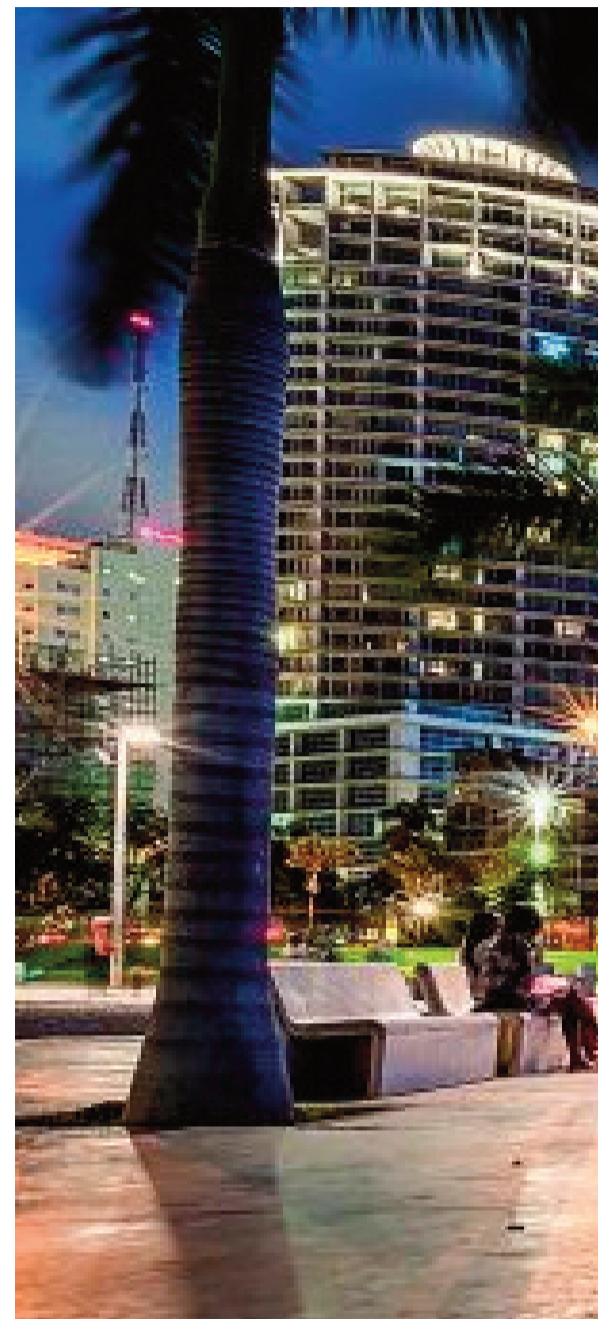
Com os cenários descritos, e de forma a compreendermos como se desenrola o medo nas sociedades contemporâneas, levantamos as questões que se seguem: (i) em que circunstâncias assumimos o medo?; (ii) em que medida o medo dita os nossos actos?; (iii) por que razão a abordagem do medo e suas implicações nas sociedades contemporâneas ainda tem sido um tabu?; (iv) quais são os maiores sustentadores dos medos nas nossas sociedades e quais são os mecanismos para os contrapor?; (v) será que o medo tem relações intrínsecas com a covardia?

Os questionamentos levantados não estão rela-

cionados com patologias e/ou fobias, mas com os medos que chegam a levar-nos ao fracasso, ao insucesso nas nossas realizações pessoais, quando nos inibimos de os enfrentar, quando erguemos os nossos rostos e os mascaramos. Pois, na medida em que o medo subsiste em nós, motiva inúmeros problemas: dependo do que é orientado, incapacidade de resolver os problemas com que nos deparamos, dificuldade em assumir os nossos problemas, quer académicos, quer familiares, quer sociais.

De acordo com Valêncio (2010 apud Tavares e Barbosa, 2014, p. 21) “medo e desesperança são algumas das expressões subjetivas da vulnerabilidade de determinados sujeitos. Decorrem, amiúde, da vivência cotidiana de interações sociais verticalizadas que insinuam, frequentemente, a legitimidade de práticas sociopolíticas supressoras e opressoras de modos de pensamento, hábitos, preferências, lugares, vozes e identidades que não estejam em conformidade com aquilo que é convencional, por poucos, como sendo ‘adequado’, ‘de bom gosto’ e ‘belo’. Significa dizer, nesse aspecto, que são estados emocionais susceptíveis de serem flagrados em um sistema concreto e especializado de trocas desiguais, cuja lógica organizativa não aceita refutação.”

* Linguista, Professor
Universitário



O indivíduo fragilizado pelo medo

Diversas situações vivenciadas de forma sucessiva, motivadas por questões políticas, culturais, históricas e sociais, podem cultivar o medo numa determinada sociedade. As sociedades não ficam estagnadas, elas vão sofrendo mudanças em função das dinâmicas que se impõem, e os medos também se vão modernizando a cada momento. A violência extrema, o excesso de mortes, os desaparecimentos misteriosos, as rupturas nas relações entre os indivíduos, isto é, as relações Estado-cidadão, adultos-jovens, professor-aluno, entre outras, são cenários frequentes em que se acaba por fragilizar o indivíduo e legitimar o medo, rompendo o paradigma de que o medo viria a ser provocado por questões emocionais mediante uma situação de perigo; mas, sim, que é sustentado e reforçado por questões relativas à estrutura social, económica e política, que motivam o excesso de zelo do indivíduo, que acaba por silenciar-se (MACHADO, 2004).

O sentimento do medo influencia o indivíduo a reformular mecanismos de intervenção e a forma de organização social onde os discursos e práticas legitimadas pelo Estado sejam (re)visitadas, permitindo o gozo da liberdade do indivíduo face ao olhar totalitarista das políticas definidas. Torna-se necessária a construção e a definição de políticas públicas que corroborem com um sistema de inclusão e de pluralismo de ideias. As sociedades con-

temporâneas devem adoptar um modelo de ordem social que permita a construção de pluralidades de ideias, possibilitando a fluidez no exercício da cidadania, o que, de certa forma, contribuiria para um processo de libertação onde a exclusão dos medos sociais seria uma realidade. De acordo com Brito e Barp (2008, p. 45), teóricos como Beck, Giddens, Mattei e Bauman, com destaque para Habermas, sustentam que não se pode fugir da incerteza, do perigo e de uma atmosfera de medo; torna-se necessária a aceitação de uma cultura política que permita enquadrar livremente os integrantes de uma sociedade num outro cenário social. Todavia, a sociedade contemporânea deve abster-se da barbárie como um elemento chave do seu momento, devendo deixar o medo da vida e da morte, da denúncia e da tortura, da censura, do que pensamos e fazemos, do esquecimento, do sonho, do conhecimento, da circuncisão do espírito, dos medos deles e nossos também (Chauí, 1987).

Para terminar este ensaio, passo a transcrever o extracto da música de Laton, com o título “Bajú ou Revú”: “(...) se eu elogiar vão dizer bajú, se eu criticar vão dizer revú, fico como então, fico como então, calado com medo sem opinião, nananana eu não sou bajú, nananana eu não sou revú mas fico como então, calado com medo sem opinião [...]”



PROJECTO MIGRA PARA A INTERNET

Show do Mês na versão Estado de Emergência

Em período de confinamento e isolamento social, a Nova Energia surgiu com mais uma edição do Show do Mês, desta feita dedicada à música produzida na década de 1970. O concerto, realizado sem plateia mas transmitido em directo pela internet, ainda pode ser apreciado no Youtube

TUCUNARÉ



Pela terceira vez, o Show do Mês não aconteceu no Royal Plaza e a Brasmor não serviu apenas para sala de ensaios (campo de treinos), acolhendo, pela primeira vez, um “jogo oficial”, de acordo com a linguagem futebolística. A actuação foi em campo à porta fechada, mas com o acompanhamento dos showistas (família Show do Mês) e

uma audiência maior nas plataformas digitais Youtube, Instagram e Facebook.

Voltando à analogia com o futebol, por acaso a paixão de muitos artistas, neste conceito musical adaptado, o conjunto, ou melhor, a equipa, entrou em “campo” com um misto de consagrados e jovens que estão a despontar. Dos mais novos, Alexandre es-

teve nos bongós, instrumento que perdeu o seu último grande executante no ano passado, com a morte de Chico Montenegro. Benny nos teclados, Yark Spin na viola-ritmo e a Raquel nos coros e na dikanza. Dos consagrados, Mias Galhetas segurou o baixo, enquanto João Di-loba esteve na bateria e Xico Santos nas tumbas, nesta

selecção de instrumentistas onde Teddy Nsingui foi o capitão, numa tarde em que, mais umavez, Legalize e Mister Kim foram os escolhidos para interpretar os sucessos dos anos 70.

Sem os habituais abraços e apertos de mão da equipa de produção da Nova Energia, o álcool-gel, luvas e máscaras preencheram o cenário na mesa onde Ki-

zua Gourgel, como moderador, Maneco Vieira Dias, Dikambú e Jair Rangel deram corpo ao concerto. Esta foi a quinta edição do concerto temático “Angola 70’s”, onde são revisitados temas da chamada época de ouro da música nacional. Nota de realce foi a ausência dos veteranos Joãozinho Morgado, Botto Trindade, Zeca Tirilene, Raúl Tollin-

gas, Didi da Mãe Preta e outros sexagenários que fazem parte do grupo de risco da covid-19 e têm as suas impressões digitais em muitos dos temas da década de 1970. Quem esteve presente, e satisfeito por voltar a fazer o que mais gosta, foi Carlos Crespo, um dos mais experientes técnicos de som da música angolana.

Farrando nos Kubikos

Numa pequena busca na página do facebook do Show do Mês foi visível que a transmissão on-line transformou-se numa autêntica farra em algumas casas, quer em território nacional como nas “estranjas”. Mais cedo do que as habituais 21 horas, Teddy Nsingui fez, como no antigamente, a abertura do baile com um tema instrumental, omelódico “Pôr-do-Sol”, da autoria de Zé Keno e Zé do Pau. Kizua Gourgel, em substituição de Salú Gonçalves, deu as boas-vindas e cantou “Mundenge Uami”. Os artistas individuais Legalize e Mister Kim conseguiram cativar os internautas com os temas escolhidos.

Aparecendo em palco em vários momentos, Mister Kim foi o primeiro a cantar e o amor esteve presente em “Candinha” e “Belita”. Noutro momento, a plateia virtual pôde escutar “Sofredora” e “Choffer de Praça”, tema este em que Luís Visconde faz uma bela crónica social dos estragos da chuva nos musseques luanenses. Mister Kim, como sempre, foi simples a cantar, sem espalhafatos. Com Legalize ele fez parilha em “Tia Sessa” e “Mabele”.

O homem que se estreou com um disco de Reggae, onde “Rumba Negro”, original de Urbano de Castro, ganhou nova versão, denominada “Reggae Negro”, estamos a falar de Legalize, na sua primeira passagem em palco optou por temas de David Zé. Sucessos como “Rumba Zaturukina”, “Kalumba” e “Namorado do Conjunto” foram interpretados numa sequência logo seguida por

“Belina”, de Artur Adriano, que suscitou alguma melancolia num momento em que ainda se chora a morte do guitarrista Ângelo Quental, que eternizou o solo deste tema. O Rastaman do Semba ainda aqueceu o concerto com “Mukongo”, “Mariana”, “Bartolomeu”, “Mira Mira”, “Semba Avó”, e outros temas.

Os integrantes do conjunto não se ficaram pela execução dos instrumentos. Teddy Nsingui “pulou” o rio Zaire e mostrou o seu potencial como cantor em “Jujú” e “Coco”, de Tabú Ley Roucheraux e do TPOK Jazz de Luambo Makiadi “Francó”, clássicos da Rumba congoleza, muito presentes no imaginário angolano. Xico Santos, um dos mais criativos tamboristas angolanos, foi à lavra da família e cantou “Kikola” e outros temas de Tony do Fumo, seu tio, e ainda teve tempo para interpretar “Ngongo”. É bom lembrar que Xico Santos foi um dos principais vocalistas da Banda Maravilha.

Os instrumentais tiveram grande incidência nos temas de Zé Keno, quer quando nos Jovens do Prenda como nos Merengues: “Pôr-do-Sol”, “Farra na Madrugada”, “Rufo da Liberdade” e “Merengue 5 de Julho” (vulgo “Camarada, pato-fora”), foram executados por Teddy Nsingui. Ao guitarrista Yark Spin coube repetir a proeza em “Ngola” de Marito dos Kiezos e “Plena Jato” de Constantino.

A viagem musical teve ainda as contribuições de Kizua Gourgel, quenão fez apenas perguntas massoltou “Ula Upé” e de Tonito Fortunato deu um toque em “Monangambé”. Quanto aos

convidados, Maneco Vieira Dias falou da sua experiência como entusiasta e seguidor do movimento cultural. Jair Rangel, o mais novo do painel, recordou o seu Marçal e, em especial, o percurso artístico do seu tio, o declamador Giza, um grande animador das farras do antigamente. Bernardo António Dikambu, o realizador do “Poeira no Quintal” da Rádio Nacional, programa que muito aposta neste período (décadas de 1960/1970) da música angolana, também contou histórias, como o facto dos cachets de um artista bem-sucedido permitirem comprar uma casa de madeira ou motorizadas. Recordou o tempo do Duo Marissol, com “Kibela”, uma canção de intervenção, numa época em que era conhecido por Luisito e tinha como parceiros Pasito e Ramos Filipe.

Depois do alinhamento musical onde temas de David Zé, Urbano de Castro, Artur Adriano, Os Jovens do Prenda, Luís Visconde, Artur Nunes, Águias Reais e Paulo 9 agitaram as salas caseiras de espectáculo, o fecho foi uma rapsódia com os temas mais acelerados dos Kiezos, onde pontificaram sucessos como “Milhoró”, “Comboio”, “Rosa Rosé” e “Princesa Rita”, com Mister Kim no comando.

Depois deste concerto realizada na Brasom, Ilídio Brás, responsável do espaço, e Yuri Simão, da Nova Energia, não descartaram a possibilidade de repetir a experiência. Mas ainda é cedo para os devidos e necessários esclarecimentos. Importa salientar que há seis anos que o Show do Mês transmite os seus concertos on-line e os tem disponíveis no Youtube.

TUCUNARÉ



TUCUNARÉ



TUCUNARÉ



MUNICÍPIO DO KIMBELE

Falta quase tudo na comuna do Cuango

A viagem da cidade do Uíge para o município do Kimbele é um martírio, de tal modo que para a fazer é preciso pensar duas vezes. Desde 2015 que a estrada, com um total de 401 quilómetros, tem 259 quilómetros do seu troço asfaltado. Mas as picadas para as comunas nunca conheceram nenhum tipo de intervenção. De tal modo que não podem ganhar o estatuto de estrada



António Capitão | Cuango

A equipa de reportagem do Jornal de Angola decidiu enveredar por uma viagem para a comuna do Cuango, a sede do Reino dos Bayakas, de que fazem parte populações dos municípios do Kimbele, província do Uíge, em Angola, e da comuna de Kasongo-Lunda, município do Bandundu, província do Baixo Congo, na RDC. Do total de 401 quilómetros, apenas 259 são feitos em estrada asfaltada. Com muitas ravinas. O restante percurso é constituído por picadas e rastos de animais, em pleno matagal.

Depois de chegarmos à vila do Kimbele, restava-nos ainda percorrer todo um percurso que exige muita coragem até a vila do Cuango. Partimos da regedoria de Kibocolo numa quarta-feira, quando eram 6 horas e 30 minutos. Apenas às 10 horas de segunda-feira chegámos à sede comunal do Cuango.

A ponte de paus sobre o rio Zaza, o de maior caudal e extensão no percurso, desabou em 2017, por não suportar o excesso de lotação de um camião. Daí que as crianças de três e quatro anos das aldeias, num raio de cerca de 40 quilómetros, não sabem o que é uma via-tura. Arepentina presença de várias viaturas, que enfrentaram e superaram obstáculos melindrosos, parecia a essas crianças um verdadeiro sonho.

Na aldeia Kixiri, várias crianças assustaram-se com o roncar dos motores e perguntavam aos adultos se eram aqueles os carros de que sempre ouviram falar nas conversas dos pais e dos irmãos mais velhos.

“Pensava que nunca mais voltaria a ver uma viatura. Estou velho e debilitado fisicamente e já me contentava a morrer sem voltar a ver um carro passar na minha aldeia. Para não esquecer as imagens que andavam gravadas na minha memória,

decidi contar os momentos em que andávamos de carro aos meus netos”, explicou o ancião João Pedro, da aldeia Kinonó.

Crianças não estudam

Com excepção das que vivem na sede comunal do Cuango, as crianças, com idades compreendidas entre os cinco e os 13 anos, das aldeias e bairros que ficam a mais de cinco quilómetros da mesma, não estudam. Nessas aldeias e bairros não existem escolas, muito menos professores. Para muitos habitantes dessas aldeias a língua portuguesa é como se fosse uma língua estrangeira, pois desde a nascença falam apenas o kikongo. E numa idade mais adulta aprendem o lingala.

Os meninos de até 10 anos passam o dia a brincar, enquanto os mais crescidos se vêem obrigados a acompanhar a mãe à lavra, a dedicarem-se às tarefas domésticas, a acarretar água dos rios situados a cerca de três quilómetros e a recolher

larvas comestíveis como mario-kaba, massendeguedia, mario-koko e nkwati, visto que é neste período do ano que elas aparecem.

André Ikombo, 18 anos, está a frequentar apenas a 6ª classe. Vive na regedoria Swa Ipopo, cerca de 40 quilómetros da sede comunal do Cuango. Aos domingos caminha durante seis horas para se hospedar na casa do tio, na regedoria Madioko, distante seis quilómetros da vila do Cuango, para aqui, durante a semana, frequentar as aulas num colégio.

“Até aos 12 anos não estudava, na minha aldeia não tem escola. Depois de completar os 13 anos os meus pais decidiram que deveria viver com o meu tio na aldeia mais próxima da escola, para poder estudar. Há dois anos, como já me sentia mais crescido, preferi começar a passar os finais-de-semana com os meus pais e, no final de domingo, regressar a Madioko”, referiu André Ikombo.



Com a palavra o administrador

O administrador comunal do Cuango disse ao *Jornal de Angola* que a rede escolar é composta por 14 escolas primárias, um colégio e um liceu, todos instalados em estruturas feitas de paus e cobertas de capim. Além da escola primária da sede comunal, todas estão, praticamente, desactivadas por falta de professores.

Mbuia Nteba sublinhou que a construção de uma escola primária, com seis salas de aulas, se encontra paralisada há mais de cinco anos e defendeu a sua conclusão, além da construção de mais infra-estruturas escolares.

Para o ano lectivo de 2020, suspenso por causa da covid-19, foram matriculados 4.825 alunos no ensino primário, 685 no colégio e 1.312 no liceu. Pelo menos 755 adolescentes e jovens estão matriculados na comuna de Kasongo-Lunda, na RDC, alguns dos quais inscritos no ensino superior. O número de crianças fora do sistema de ensino é, oficialmente, estimado em 967, mas acredita-se que pode ser muito mais.

“Até ao dia 12 do mês de Março as aulas no colégio e no liceu não tinham iniciado porque os professores não se faziam presentes na comuna. O único presente era o subdirector pedagógico do liceu, que procurava transmitir alguns conteúdos aos alunos que apareciam”, disse o administrador comunal.

Assistência médica na RDC

O centro de saúde da comuna funciona numa casa de pau-a-pique, porque o antigo centro de saúde, em escombros desde o tempo colonial, nunca foi reabilitado. Não existe médico na comuna do Cuango. Apenas três enfermeiros asseguram a assistência sanitária às populações. Os fármacos essenciais, para acudir os enfermos de malária, doenças diarreicas simples e do fórum respiratório, são fornecidos em pequenas quantidades pela Direcção Municipal da Saúde.

Mbuia Nteba disse que, nos casos mais graves, e que exigem uma intervenção médica de especialidade, os pacientes vão à busca de assistência na regedoria do Zinamukete, na região de Kasongo-Lunda, na RDC, cerca de seis quilómetros, tendo que fazer a travessia da fronteira fluvial no rio Cuango. Lá encontram um hospital em condições, com médicos de várias especialidades.

“O sector da saúde funciona com muitas dificuldades. Não há médicos e existem apenas três enfermeiros contratados, que estão há muito tempo sem os seus subsídios e que podem abandonar a comuna a qualquer momento. A população socorre-se a 14 postos de saúde privados, cuja qualidade dos serviços é questionável. Daí a preferência pelos hospitais da RDC”, sublinhou Mbuia Nteba.

“Fica-nos mais fácil nos deslocarmos ao território congolês para tratamento médico, por ser mais próximo, ao invés de percorrermos mais de 180 quilómetros para transportarmos os doentes em tipóias até ao hospital municipal de Kimbele, que tem insuficiência de médicos especializados”, disse Maluampanga Ferrão, residente na aldeia Madioko.



Ponte sobre o Zaza traz esperança

A reconstrução da ponte metálica sobre o rio Zaza, distante cerca de 154 quilómetros da vila do Kimbele e 38 da sede comunal do Cuango, renova a esperança em dias melhores para os mais de 20 mil habitantes do Cuango. O acesso à sede da comuna já foi restabelecido, embora apenas para viaturas com tracção todo-o-terreno.

O soba Badila Mulopo acredita que, com a reposição da ponte, os agricultores vão poder aumentar e escoar a produção para os principais centros comerciais do município, da província e do país. Até antes da reposição da ponte eram obrigados a realizar uma agricultura de subsistência, por falta de vias de escoamento dos produtos.

“Este ano agrícola vamos produzir além do necessário para comermos. Vamos deixar de depender das permutas e passar a usar o dinheiro para as nossas trocas comerciais no meio rural e nos centros urbanos, onde vamos poder vender os nossos produtos e adquirir outros, manufacturados”, disse o soba.

O administrador Mbuia Nteba informou que a região possui uma vasta bacia hidrográfica e solos férteis, o que a torna numa potência em termos de produção de citrinos, genguba, banana, mandioca, abacate, abacaxi, feijão, batata rena e doce, pevide, gergelim e madeira.

“Para garantir uma melhor circulação de pessoas e bens, é necessário que a estrada que liga a comuna à sede municipal, numa extensão de cerca de 182 quilómetros, seja reabilitada, além da construção de pontes e pontecos sobre os rios Nsafungu, Mbutila, Mpemba, Kitiki, Saco, Futa e Wamba”, referiu.



Comércio transfronteiriço

A actividade comercial na comuna do Cuango é incipiente. A permuta é a principal forma de aquisição de bens. O avançado estado de degradação da estrada não permite que viaturas levem para as comunidades quantidades consideráveis de mercadorias. Algumas pessoas percorrem 182 quilómetros a pé, com pequenas quantidades de produtos agrícolas à cabeça, nomeadamente genguba, pevide e gergelim, para venderem no mercado municipal do Kimbele. E nesse mercado adquirem também pequenas quantidades de açúcar, sal, fósforo, sabão, peixeseco, roupa e calçados, que, nas localidades de origem, são usados como meios de troca.

Às quartas-feiras e aos sábados, a partir das 13 horas e 30 minutos, cidadãos con-

goleses atravessam os cerca de 400 metros do rio Cuango em dongos (pequenas embarcações feitas com troncos de árvores de médio porte) carregados com roupas, cosméticos, cartões SIM das operadoras de telefonia móvel Vodacom e Celtel, da RDC, e outros produtos, para um encontro comercial transfronteiriço na margem angolana.

Os angolanos levam ao pequeno mercado sal, açúcar, arroz, massa e óleo alimentar, bebidas alcólicas (Cuca e whisky Best), refrigerantes, peixeseco, fósforos e produtos do campo, com realce para as pevide, gergelim e gindungo. Naquele espaço comercial a moeda de troca predominante é o franco congolês, cuja taxa de câmbio em relação ao kwana é estipulada na ordem dos 300 por cento, ou



seja, 1000 kwanzas equivale a 3000 francos congolezes.

“A actividade comercial tem maior impacto no mercado informal, o que cria imensas dificuldades na organização, controlo e fiscalização da mesma, para podermos arrecadar receitas locais. O principal ponto comercial acontece durante as quartas-feiras e aos sábados, na nossa margem do rio, onde angolanos e congolezes se encontram

para venderem e comprarem alguma coisa”, referiu o administrador Mbuia Nteba.

Faltam infra-estruturas

À primeira vista, a imagem arquitectónica da sede comunal do Cuango é desoladora. Das antigas infra-estruturas coloniais apenas restam escombros, entre eles o centro de saúde e o antigo posto policial.

A única infra-estrutura projec-

tada no período pós-independência, cujas obras estão paralisadas há muitos anos, é a futura escola primária de seis salas de aulas. Para melhorar a imagem da circunscrição e o próprio funcionamento das instituições, o administrador Mbuia Nteba defende a construção de escolas, postos e centros de saúde, edifícios administrativos, esquadra policial e a melhoria das vias de comunicação.

“É necessário que sejam construídas escolas nas localidades com maior concentração populacional, além da extensão da rede sanitária, para reduzir a mortalidade materno-infantil e as deslocações à RDC. É também necessária a reposição do edifício da administração comunal e do sistema de captação e abastecimento de água”, disse.



JUVENTUDE E SOLIDARIEDADE

Corrente de apoio no bairro Adriano Moreira

Em momentos de crise, como o vivido actualmente por causa da Covid-19, a juventude desperta e dá o seu melhor em prol dos que mais necessitam

António Capapa

Viúva, a cuidar dos netos e de um irmão de 70 anos incapacitado por uma trombose, Lemba João não se continha de alegria, razão porque rendia, efusivamente, graças aos jovens que lhe estavam a arrancar da miséria que já pairava em casa.

“Não contava com isso. Meu irmão já vai comer. Isto é uma maravilha”, dizia Lemba João, nos seus 66 anos de idade, com a força restaurada para carregar uma sacola contendo bens de primeira necessidade: o arroz, a fuba, o óleo, o feijão, o açúcar, e, ainda, produtos de higiene como a lixívia e o sabão azul, nos dias de hoje tão importantes como o é o pão de cada dia, pois se tornaram arma para matar um inimigo invisível, traiçoeiro e letal, considerando os imensuráveis prejuízos, quer sejam humanos ou económicos, para a humanidade.

“Deus os abençoe, meus filhos, Deus os abençoe”, repetia a mais-velha Lemba, como que rodopiando sobre o corpo pequeno, com um brilho nos olhos que denotava estar vencida a tristeza de

quem já não sabia como alimentar os seus.

A sexagenária estava muito grata pela surpresa que lhe foi feita por um núcleo de jovens do bairro Adriano Moreira, distrito urbano do



Hoji-ya-Henda, município do Cazenga, que, como conta Setilson Nguvulo, decidiram juntar esforços “para ajudar famílias carenciadas”.

O estado de quase indigência de algumas famílias do Adriano Moreira motivou os jovens a criar um projecto solidário, por entenderem “que não deve ser apenas responsabilidade do Executivo olhar para as famílias vulneráveis”.

Para Setilson Nguvulo, faz todo o sentido “partilhar o que se tem com quem passa necessidade”, razão porque 70 por cento dos produtos com que criam as cestas básicas saem mesmo da comunidade. “Os municípios do bairro Adriano Moreira são muito solidários, conseguem pensar no seu próximo”.

António Delgado, outro jovem envolvido no projecto solidário, realça o facto da iniciativa “restaurar alegrias” e “levar a esperança a pessoas que passam por muitas necessidades”.

Noventa famílias já beneficiaram do gesto solidário. A sua selecção começa pela identificação da área de residência e o cadastramento é feito de acordo com a situação das mesmas, segundo esclarece António Delgado.

Grupo liderado por Francisco Quiteculo

Frente solidária apoia carenciados no Bom Jesus

Francisco Quiteculo e mais três jovens, Edlácio de Vasconcelos e Wilma Midosi Quiteculo, do município de Belas, e Rosa de Sousa, do Kilamba Kiaxi, uniram-se e criaram uma frente solidária, com o pensamento de que “Angola é de todos e, se repartirmos o peso, a carga tornar-se-á mais leve”. Actualmente, são o garante de famílias vulneráveis na localidade de Bom Jesus, com o apoio de amigos como a Associação UPAM e trabalhadores de uma empresa petrolífera

O núcleo criou vários pontos de recolha para a recepção das ajudas em bens alimentares. Para o jovem Francisco Quiteculo, ajudar famílias necessitadas “é um cumprimento do dever, que se alicerça no princípio de que ‘aos seus filhos a Pátria não pede, ordena’”. Foi com Francisco Quiteculo que o *Jornal de Angola* estabeleceu o breve diálogo, que, a seguir, se transcreve.

Quais foram as motivações para a criação do projecto?

Fomos motivados pela declaração do Estado de Emergência, que impõe o isolamento social. Em conversa com a minha esposa, e sabendo que isso seria quase impossível, surgiu-nos o desejo de ajudar parte do pessoal que integra os grupos de risco a manterem-se em casa, a fim de evitar um possível contágio na procura de alimentos nos mercados, considerando o elevado número de pessoas que nele interagem.

Como é que vocês adquirem

os produtos para a cesta básica? Obtemos as cestas básicas por meio de doações. Algumas pessoas que confiam em nós fazem transferências monetárias para a minha conta bancária e, em seguida, compramos a grosso e retalhamos os produtos para formar as cestas. Isso é possível aplicando o marketing digital e o “boca aboca”, divulgando a mensagem entre as pessoas que conhecemos e através das redes sociais.

Quem são os principais beneficiários?

São as pessoas da terceira idade, visto que fazem parte do grupo de risco e, por sinal, são os que têm o sistema de defesa já em declínio ou, na maioria dos casos, altamente debilitado.

Como é que vocês fazem a selecção dos beneficiários?

A selecção dos beneficiários é feita através de dados obtidos pela coordenação dos bairros. E aqui devo felicitar a comissão do bairro Bom Jesus Um pelo nível de organização e confiança que nos transmitiram, e constatamos in loco, no dia da entrega. Adoptamos a entrega porta-a-porta afim de evitar aglomerações e o risco de possível contágio.

Em que situação vocês encontram essas pessoas?

Encontramo-las em estado lastimável, desde as condições de habitabilidade (casas de chapa ou de adobe em zona de risco), sem acesso aos serviços básicos, saúde debilitada e muitos velhos choram por

que os filhos crescem, saem do bairro e não lhes dão a mínima assistência. Ainda assim, há idosos que estão realmente conscientes do perigo da pandemia da Covid-19. Mesmo estando numa casa de chapa, extremamente quente, não ficavam na rua. Mas notamos também um número elevado de outras pessoas que se mantinham na rua. A comissão de moradores continua a passar a mensagem para ficarem em casa.

Por que escolheram a localidade do Bom Jesus?

A escolha do Bom Jesus foi feita porque conhecemos o bairro, isto devido ao facto da Wilma Quiteculo ser médica de uma das fábricas nessa localidade e conhecer bem a sua realidade. Mas devemos realçar que, por agora, é o Bom Jesus, mas não pensamos em ficar por aqui. Queremos alcançar outros bairros periféricos com reais necessidades de apoio, por exemplo, os bairros África do Sul, no Benfica, o Sossego e outros.

